



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

THIAGO CONCEIÇÃO CRUZ

GANHADEIRAS DE ITAPUÃ: AS FORMAS DE DIZER DE SI

Salvador

2019

THIAGO CONCEIÇÃO CRUZ

GANHADEIRAS DE ITAPUÃ: AS FORMAS DE DIZER DE SI

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador

2019

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À Osvaldina Conceição

Por todo o amor de mãe

e também pelos esforços feitos para a garantia da minha formação educacional de qualidade.

Às minhas irmãs, Ana Cláudia Conceição, Luana Conceição e Thais Conceição. À minha tia Kátia

Por todo o amor e carinho

À Rafaela Souza

Por nosso amor e companheirismo

e também por suas preciosas contribuições neste trabalho e em outros projetos.

Às ganhadeiras, em especial Mariinha, Lucinha, Verônica, Maria do Xindó, Jaciara e Tereza, pela disponibilidade e carinho em participar da pesquisa.

Ao orientador José Roberto Severino, por toda a atenção e acompanhamento neste trabalho.

À Ivana Muzenza, pela gentileza e acolhimento na organização de encontros com as ganhadeiras.

Aos colegas, professores e todo corpo de funcionários da Faculdade de Comunicação e da UFBA.

Aos integrantes da banca do Exame de Avaliação, profa. Cleidiana Ramos e o prof. Leonardo Costa.

Aos meus familiares e amigos.

RESUMO

A presente pesquisa trata de um estudo sobre a comunicação e cultura do grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã, a partir da Lagoa do Abaeté, localizada no bairro de Itapuã, em Salvador (Bahia). O objetivo do trabalho é entender como são desenvolvidas as formas de comunicação entre as ganhadeiras pela história, cultura e modo de vida no espaço da lagoa. Através de conceitos teóricos da área comunicacional e pesquisa de campo, feito por meio de entrevistas com as mulheres da tradição do ganho, o trabalho apresenta os elementos verbais e não-verbais das relações sociais, a partir de laços afetivos, de solidariedade e o contato com o meio ambiente.

Palavras-chave: comunicação, cultura, modo de vida, ganhadeiras, lagoa, Itapuã.

LISTA DE IMAGENS

Foto 1. Paisagem atual da Lagoa do Abaeté.....	16
Foto 2. Lagoa do Abaeté em 1984.....	16
Foto 3. Ganhadeira carregando peixes (1785-1842).....	19
Foto 4. Lavadeiras na Lagoa do Abaeté.....	22
Foto 5. As roupas coloridas de Dona Mariinha.....	28
Foto 6. Voz e corpo são elementos inseparáveis das Ganhadeiras de Itapuã.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. AS GANHADEIRAS DA ANTIGA VILA DE PESCADORES	12
1.1 Breve histórico de Itapuã.....	13
1.2. As mulheres do ganho.....	17
1.3. As lavadeiras.....	20
1.4. Ritos das mulheres de água doce.....	21
2. FORMAS DE DIZER DE SI	25
3. CULTURA E MODO DE VIDA DAS MULHERES DA LAGOA	34
3.1. Relatos de cultura e vida das ganhadeiras.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	45
Apêndice A.....	45
Apêndice B.....	45
Apêndice C.....	45
Apêndice D.....	46
Apêndice E.....	46
Apêndice F.....	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre as formas de comunicação entre as integrantes do grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã, sedimentadas a partir da vivência das mulheres na Lagoa do Abaeté, localizada no bairro de Itapuã, em Salvador (Bahia). Desse modo, acompanhei a rotina do coletivo para entender como são desenvolvidas as interações das mulheres através de elementos comunicacionais e culturais.

Vestidos coloridos e longos, colares e pulseiras feitos a partir de sementes colhidas de plantas típicas de Itapuã. Os passos, quase tão ligeiros quanto os dados na juventude, completam algumas das características das mulheres ganhadeiras do local. Nascidas e criadas no bairro, circulam por diferentes pontos e conhecem toda a comunidade. Elas são lavadeiras, baianas de acarajé, vendedoras, comerciantes. Dentro da esfera social do lugar, apesar da intensa interação com os demais moradores, poucas pessoas sabem responder onde é possível encontrar uma ganhadeira. O termo ainda gera dúvida para antigos e novos residentes da região, pois é comum fazer referência apenas pela função de trabalho que as mulheres exercem, a exemplo da baiana. E se alguém chamar este trabalho de ganho? Aí as incertezas ficam maiores.

As descrições e afirmações realizadas no parágrafo anterior partem das observações e experiências de vida do autor deste trabalho, enquanto morador de Itapuã. O desconhecimento acerca de uma cultura e de termos tão ricos, vivenciados por mim até quatro anos atrás, serviu como motivação para o desenvolvimento e escrita da presente monografia, voltada para o estudo da comunicação das integrantes do grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã a partir da Lagoa do Abaeté. A escolha pelo recorte de estudo comunicacional é histórica e atual, visto que a comunicação não é um tipo de conhecimento estático, enrijecido ao longo da linha temporal dos acontecimentos, conforme aprendi ao longo da graduação na área.

Na Lagoa do Abaeté, as mulheres do ganho seguem mantendo a tradição do bairro viva, mas para compreender a relação com a lagoa e as motivações que norteiam esta pesquisa, é necessário fazer um breve retorno no tempo e uma inicial descrição de termos. De acordo com Soares (1994), a pesca estava entre as atividades mais lucrativas do bairro de Itapuã, em Salvador, no século XIX, fato que fez o local se transformar em uma vila de pescadores. Historicamente, as atividades de pesca eram feitas pelos homens e as funções de comércio, serviços domésticos e lavagem de roupas eram efetuadas pelas mulheres. No contexto social apresentado, as atividades de comércio e pequenos serviços eram denominadas de ganho, termo

que vai servir de origem para chamar as moradoras que exerciam essas atividades de ganhadeiras. O ganho era a fonte de renda dessas mulheres e dos seus familiares.

Ainda segundo Soares (1994), a população da antiga vila de pescadores dependia do trabalho das ganhadeiras, em sua maioria escravas ou libertas, para atividades fundamentais do cotidiano. Entre a venda de peixes e atividades domésticas, elas lavavam trouxas de roupas na Lagoa do Abaeté. O labor era acompanhado de cantigas e causos populares da região, entoados na orla pelas lavadeiras, contou a ganhadeira Maria Hermilina Dias (84), a Dona Mariinha, em entrevista que produzi à revista de jornalismo cultural *Fraude*¹, em 2016. Na ocasião, o primeiro contato com Dona Mariinha permitiu observar a relevância comunicacional das águas do Abaeté para ela e as outras 15 integrantes – de 14 a 84 anos – do grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã, fundado em sua residência para preservar esta tradição do bairro, em 2004.

No decorrer daquela entrevista, perguntei para Dona Mariinha o motivo das suas histórias sempre permearem a antiga lagoa. “Filho, essa resposta não é nada simples”, respondeu com um sorriso. Enquanto morador de Itapuã, estudante do segundo semestre de jornalismo e membro do Programa de Educação Tutorial em Comunicação (Petcom)² da UFBA – instância acadêmica responsável pela produção da *Fraude* –, notei o quanto ela está certa. Como essa comunicação entre elas, a exemplo de cantos, danças, roupas e histórias contadas, são constituídas e sedimentadas a partir da Lagoa do Abaeté? O questionamento é o estímulo para esta produção científica, diante da necessidade de propor respostas embasadas em informações obtidas através de entrevistas com as ganhadeiras, o contato com a lagoa e os referenciais teóricos da comunicação – aprendidos nas disciplinas e instâncias da faculdade. No processo de estudo, vale ressaltar que não é descartada a comunicação delas com a comunidade “itapuanzeira”.

Construído na areia branca que cerca a lagoa, o espaço cultural da Casa da Música, em Itapuã, foi o ponto de encontro para a realização de entrevistas com as seis ganhadeiras – de 33 a 84 anos – que contribuíram para a pesquisa. Dada a importância das vozes, cabe destacar cada mulher: Dona Mariinha, Maria dos Anjos (a Maria do Xindó – 72), Tereza Conceição (67), Maria Lucia das Virgens (a Lucinha – 65), Jaciara dos Santos (55) e Verônica das Virgens (33).

¹ A Revista *Fraude* é uma publicação do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação (PetCom) da Universidade Federal da Bahia.

² O PET é um programa mantido pela Secretária de Ensino Superior do Ministério da Educação.

O trabalho com fontes orais serviu para desenvolver a minha habilidade de conversação, essencial para um jornalista, e privilegiar o conhecimento de vivência das mulheres do ganho.

As entrevistas com Dona Mariinha, Maria do Xindó e Dona Lucinha, permitiram ter o panorama das mudanças físicas da região da lagoa ao longo do tempo. Elas voltaram os depoimentos para as características naturais do lugar na época da infância e adolescência, a exemplo de antigos pés de gergelim que dominam a área de mata do Abaeté e fontes naturais que serviam para o consumo da população carente de sistema de encanamento. Hoje, essas estruturas permanecem vivas na memória.

Terceira geração da família Virgens, sobrinha de Dona Lucinha, Verônica das Virgens trouxe para a pesquisa o acréscimo de um Abaeté mais recente, fruto das pouco mais de três décadas de vivência com as tradições da comunidade. Bem articulada, ela vende óleo de coco, dança, canta e mantém o papel de porta-voz da formação mais jovem das mulheres do ganho. Como traços de herança, a partir da lagoa, Verônica mantém as suas articulações comunicacionais com a família e companheiras de tradição, a exemplo das vestes usadas para o labor na areia branca da orla.

As ganhadeiras Tereza Conceição e Jaciara dos Santos, baianas de acarajé, fizeram questão de falar sobre o modo de vida das mulheres do ganho, da rotina corrida da venda do bolinho de feijão até o trabalho de preservação desta cultura de Itapuã. “Em conversas e músicas, a gente procura resgatar a imagem de uma lagoa mais forte, mais cheia de água. A lagoa das mulheres do Abaeté”, destaca Jaciara. Na análise do papel da comunicação social, enquanto área de conhecimento aplicado, e do percurso percorrido como estudante de habilitação em jornalismo, vale ressaltar a importância de dar voz para essas mulheres negras, a fim de evitar preconceitos e preservar as histórias e elementos memoriais apresentados.

A metodologia com fontes orais exigiu o cuidado com os aparatos de coleta de informação e as deduções extraídas de cada entrevista, realidade próxima da rotina que encontrei ao estagiar em redação de jornal impresso e produzir matérias nas atividades práticas das oficinas acadêmicas. Por mencionar oficina, tenho gravado uma frase que escutei em Jornalismo Impresso, no processo de apuração do *Jornal da Facom*³: “Ouçam a sua fonte, observem o ambiente! O importante não é só perguntar”, disse a professora Graciela Natansohn. Ciente da relevância desse ensinamento para o sucesso do trabalho de campo e acréscimo

³ O *Jornal da Facom* é um produto laboratorial desenvolvido pelas turmas da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso (COM123) da Faculdade de Comunicação - Universidade Federal da Bahia (UFBA).

científico para a faculdade e colegas de segmento, sem deixar um script “engessado”, as entrevistas com as ganhadeiras foram pensadas para coletar o máximo de respostas com a mínima interferência nas histórias e relatos contados, usando como guia a problemática de pesquisa. O modelo adotado abrange as considerações de Paul Thompson, em sua publicação *A Voz do passado: história oral* (1998), sobre as estratégias de entrevista.

[...] quanto menos o seu testemunho seja moldado pela pergunta do entrevistador, melhor. Contudo, a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado, e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita; e isso tudo, juntamente com pressupostos não expressos, cria expectativas que moldam o que vem a seguir. (THOMPSON, 1998, p. 258)

Ao buscar respostas para o fenômeno comunicacional através das entrevistas e estudos da comunicação e cultura, no primeiro capítulo, é abordada a história das ganhadeiras de Itapuã e a sua relação com as antigas lavadeiras de outras regiões do país, desde o século XIX. A partir de depoimentos e conceitos teóricos, esta etapa do trabalho monta a trajetória comunicacional dessas mulheres e fomenta o caminho que coloca a memória como principal engrenagem das interações feitas a partir das águas escuras do Abaeté.

Em consonância com Michel Pollack (1992), a memória individual ou coletiva é constituída de acontecimentos vividos pessoalmente e em grupo. Diante disso, o segundo capítulo traz os elementos de estruturação da memória das ganhadeiras da antiga vila de pescadores, exemplificado em fenômenos como a proximidade e troca de informações com os demais agentes da comunidade local. Na comunicação entre essas mulheres, a partir Lagoa do Abaeté, é notável sentimentos como o de pertencimento, destacado por Pollack como parte do “edifício” memorial.

Além desses sentimentos, as articulações comunicacionais verbais e não-verbais, a exemplo do canto e da dança, são abordados nesta etapa do trabalho pelos saberes das mulheres do ganho. Vale destacar que a definição de comunicação é entendida pela perspectiva de Martino (2001). Nela, os elementos julgados comunicacionais passam pelo âmbito da interação entre consciências. “Portanto, em sua acepção mais fundamental, o termo ‘comunicação’ refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências” (MARTINO, 2001, p. 14-15).

No terceiro e último capítulo desta pesquisa, é feito o mergulho no modo de vida das ganhadeiras. A rotina das mulheres mostra como a comunicação entre as integrantes do grupo é alicerçada em um lugar histórico e turístico do bairro. Diante disso, além da consulta aos

estudos feitos até esta etapa, é realizado um trabalho de campo, baseado na coleta de histórias de vida das seis entrevistadas.

Nesse contexto, esta parte explora a cultura e o modo de vida das ganhadeiras. De acordo com Williams (1979), ao mencionar cultura como modo de vida, o termo passa a se referir a estilos de vida particulares, fundados em valores comuns e comportamentos expressos no dia a dia.

O próprio contato e o convívio com as ganhadeiras, por seis meses de entrevistas e cerca de quatro anos de interação em espaços de convívio do bairro, foi essencial para o desenvolvimento deste capítulo. A proximidade tornou viável compreender parte das suas relações, seus rituais, suas práticas de solidariedade e demais aspectos da vida na comunidade em que estão inseridas.

CAPÍTULO 1

As ganhadeiras da antiga vila de pescadores

Ao entrar na casa de Dona Mariinha, na Rua do Céu, fui recebido com um sorriso no rosto e um olhar de quem tem muitas histórias guardadas na memória. Na mesinha da sala, local escolhido por ela para a nossa entrevista, folhas em branco lembravam a origem do grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã, fundado naquele mesmo lugar. “Certo dia, em março de 2004, as ganhadeiras decidiram formar um grupo oficial. Como somos amigas e parentes de toda uma vida, já tínhamos o costume de realizar encontros na beira da Lagoa do Abaeté para contar histórias e entoar cantigas da antiga Itapuã” (DONA MARIINHA, 2018).

No encontro que marcou a fundação do grupo cultural, pedaços de papel ofício branco foram distribuídos entre as mulheres presentes. “Vamos escrever aqui os motivos que reforçam a necessidade de preservar as nossas histórias” contou Dona Mariinha (2018). Sorrindo, ela lembra que achou aquilo uma loucura, mas fez o esforço de pensar na justificativa. Entre um pensamento e outro, olhar para a lagoa escura trouxe na memória a importância de formar o coletivo para combater o preconceito com a tradição das ganhadeiras.

Quando era um pouco mais jovem – óbvio que ainda sou [risos] –, esperava na Ladeira do Abaeté as minhas amigas lavadeiras. A gente se encontrava cedo e seguia em grupo para o trabalho de lavagem de roupa na lagoa. Certa vez, por volta das cinco horas da manhã, um homem passou pela gente e perguntou se não tínhamos nada para fazer. Aquilo não me surpreendeu, apesar de gerar revolta, pois as atividades de ganho eram vistas como coisa de mulheres desocupadas. É por isso que tínhamos que nos unir, enquanto mulheres e ganhadeiras (DONA MARIINHA, 2018).

Nas mãos da ganhadeira, as marcas das atividades de lavagem feitas para o ganho são exibidas com o orgulho de quem sabe a importância que carrega para o contexto social do bairro.

Itapuã está localizada após o bairro de Piatã e faz limite com Lauro de Freitas, município da Região Metropolitana de Salvador. De acordo com o Censo Demográfico do IBGE⁴ de 2010, com 66.961 habitantes, o lugar é o segundo bairro com a maior população de pretos e pardos

⁴ O Censo Demográfico do IBGE de 2010 não usou a opção Negro como forma de identificação de cor ou raça. No questionário, foi disponibilizado para a população as seguintes opções: Branca, Preta, Amarela, Parda e Indígena.

(77,96%) da capital baiana, atrás apenas de Pernambués, onde 82,45% dos 64.983 residentes se identificaram por essa cor ou raça. A origem deste cenário étnico é antiga, fato que torna importante realizar a contextualização histórica do espaço e dos povos que ali viveram.

1.1 Breve histórico de Itapuã

De acordo com Souza (1851), os campos de Itapuã eram “Lençóis de Areia”, referência tirada das dunas brancas que cercam a região das lagoas. No século XVI, o local manteve a tradição histórica de ser formado por aldeamentos indígenas. A conjuntura contribuiu para o nome do lugar, cuja origem vem da língua tupi e significa “pedra que ronca”. Assim como Dona Mariinha, moradores antigos relatam que a intitulação surgiu por causa de uma pedra que “roncava” com o impacto da maré. O bairro é marcado por características naturais como o mar tranquilo, muitos coqueiros e extensas faixas de areia. Segundo Oliveira (2009), no início do século XVII, após autorização da Coroa ibérica para a caça de baleias no local, Itapuã passou a ser uma vila de pescadores, pois a estrutura usada na caça servia para a pesca de diferentes peixes da região. A vila era formada por escravizados africanos, índios e mestiços. O óleo refinado do animal era utilizado na iluminação pública. Apesar de alguns autores usarem o termo pesca para se referir à caça de baleia, o termo não é correto, pois o animal é um mamífero marinho. Por isso, este trabalho usa o termo caça, com exceção das citações diretas.

Estabelecido o monopólio real sobre a pesca da baleia, em 1614, surgiram, então, as armações de pesca, inicialmente na Ilha de Itaparica, na Baía de Todos os Santos e, depois, na costa norte de Salvador, nas proximidades da Ponta do Padrão (hoje Farol da Barra), no Rio Vermelho, na Pituba, na Pedra Furada e em Itapuã. A *armação* ou *contrato* (ou às vezes, *casa do contrato*) era a denominação dada ao conjunto de edificações utilizadas para as atividades de pesca e aproveitamento da baleia (do desmanche do animal, retirada e posterior derretimento da gordura ao descarte da carne), para o alojamento da mão-de-obra escrava e livre e para a administração do negócio. (OLIVEIRA, 2009, p. 56)

Segundo Castelucci (2005), a carne da baleia era menosprezada e vista como comida para os escravizados. Diante do contexto, a carne do animal passou a ser vendida para as ganhadeiras. Elas vendiam pelas ruas Salvador e vilas do Recôncavo. Descendente dessas mulheres, Lucinha, aprendeu todo o processo histórico de tratamento da carne de baleia. Na entrevista para este trabalho (2018), ela contou como o alimento era tratado e vendido. “Após salgar e colocar a carne para secar, a gente vendia o alimento pelas ruas de Itapuã, junto com os pescados. A gente carregava tudo na cabeça”.

Para Castelucci (2005), o cenário de Itapuã enquanto armação baleeira, assim como ocorreu em outros pontos da cidade, é parte de uma realidade econômica que também se fazia presente no Recôncavo Baiano. Ainda segundo o pesquisador, a construção destes cenários de armação está ligada com a resistência das atividades de menor expressão, na comparação com as grandes lavouras.

[...] para além da vida nas lavouras de cana-de-açúcar, havia uma diversidade de atividades econômicas, essenciais a sobrevivência das populações que habitavam, sobretudo os centros urbanos. Mesmo no Recôncavo clássico, lugar privilegiado pela cultura açucareira, dada a fertilidade do seu solo, a agricultura de subsistência e outras atividades de menor expressão, resistiram como alternativas à lavoura de grande extensão. Foi, portanto, nos entornos das grandes propriedades rurais que floresceram o pequeno sítio, o roceiro, o meeiro, principais agentes de produtos como a farinha de mandioca, o pescado e outros gêneros de primeira necessidade, consumidos pelas populações das cidades e vilas (CASTELUCCI, 2005, p. 134)

Frente ao contexto de valorização do óleo extraído da baleia, Castelucci (2005) elucida que o uso do produto não estava apenas destinado ao abastecimento das lamparinas que iluminavam casas e ruas da cidade. O óleo da baleia também era usado pelas lavadeiras como peças de apoio, distribuídas nas proximidades de fontes e lagoas, onde as mulheres “batiam” roupas. Em relato de Lucinha (2018), a ganhadeira explica que o óleo do animal, assim como outros óleos extraídos de origem vegetal, era colocado como apoio das peças de roupa para evitar que a areia branca do Abaeté grudasse nos tecidos que estavam no processo de lavagem.

Os óleos usados na lavagem davam brancura para as roupas. No caso das peças brancas, elas ficavam sem nenhuma mancha amarelada. Os óleos ajudavam na lavagem, esfregando na roupa como um tipo de sabão, e na secagem, evitando que a areia da orla da lagoa grudasse nas vestimentas dos clientes. (LUCINHA, 2018)

Conforme Castelucci (2005), o fim do monopólio da caça de baleia – e consequente cultura de uso do óleo do animal – foi sacramentado por alvarás datados de 1798 e 1801.

[...] as armações da Bahia, de Itaparica e Itapuã foram vendidas e, aquelas do Brasil meridional passadas à administração da Fazenda Real, que logrou grave prejuízo até 1816. Quinze anos após o fim do monopólio e da desastrosa experiência administrativa estatal, a Coroa portuguesa almejou estimular e restabelecer o funcionamento das armações do Brasil Meridional, oferecendo a particulares a concessão de benfeitorias, daquela região, para a exploração pesqueira. A falta de interesse da iniciativa privada em investir numa atividade em declínio seria um dos fatores determinantes para a sua exaustão. (CASTELUCCI, 2005, p. 138)

No olhar para o recorte socioeconômico, segundo Schwartz (2003), a atividade garantiu certa autonomia para a população de Itapuã, a armação de caça de baleia servia para o pescado de espécies como o xaréu. O convívio obrigatório entre diferentes etnias, marginalizados pelo

sistema social, moldou o bairro como lugar de resistência ao regime colonial. O fato não extinguiu a perseguição contra os quilombos que se formavam na região. Do outro lado da moeda, no campo afro-indígena, a miscigenação cultural uniu entidades africanas com indígenas, a exemplo dos denominados caboclos, populares na antiga vila de pescadores e presentes no atual cenário cultural do bairro. Em um dos relatos de Dona Marinha nesta pesquisa (2018), a ganhadeira menciona a tradição de se referir aos idosos ou falecidos da comunidade como Seu Caboclo, Dona Cabocla – resultado da influência das crenças dos índios nos moradores.

Os cultos e as práticas de sincretismo eram e ainda são realizados nas lagoas do local. Além da Lagoa do Abaeté, Itapuã abriga as lagoas Dois-Dois, Olhos D'Água, Cacimba, Catu, do Toco, das Trincheiras, dos Pombos, das Casas, do Core, da fonte da Praia, dos Milagres do Canal e a da Barragem, que era a antiga fonte de água potável para a região. Na adolescência, Lucinha lembra de ter carregado muita água para uso residencial. “Aqui tinham várias fontes de água potável. Bem cedinho, antes de ir para a aula no período da manhã, eu passava em algumas fontes para encher baldes e levar para casa. Para não chegar atrasada na aula, tinha dia que era preciso fazer isso correndo” (LUCINHA, 2018).

O vínculo das moradoras com a Lagoa do Abaeté e outros elementos da natureza do bairro, essencial para entender o fenômeno de pesquisa da comunicação a partir de um lugar, é motivado de forma especial pelo candomblé. A afirmação é feita com base no fato dos orixás estarem ligados com forças da natureza como o trovão, os ventos, as águas doces e salgadas. A lógica reforça a historicidade do sincretismo do bairro, pois a Lagoa do Abaeté ainda é envolvida por mistérios originários das crenças indígenas. “[...] somou-se a sacralização das águas como morada de divindades femininas, pelas comunidades religiosas afro-brasileiras, atraindo fiéis que aí rituais de oferendas e presentes” (OLIVEIRA, 2009, p.77).

O cantor e compositor Dorival Caymmi, frequentador de Itapuã, escreveu na canção praieira *A Lenda do Abaeté* (1948) as características de um lugar ao qual dizia ter se apaixonado.

No Abaeté tem uma lagoa escura / Arrodeada de areia branca / De manhã cedo
/ Se uma lavadeira vai lavar roupa no Abaeté / Vai se benzendo / Porque diz
que ouve / Ouve a zoadá do batucajé (CAYMMI, 1948)

Atualmente, a lagoa descrita pelo artista está situada na área de proteção ambiental do Parque Metropolitano Lagoas e Dunas do Abaeté, criado em 3 de setembro de 1993, com uma área de 12 mil metros quadrados. A primeira fase do projeto incluiu a maior parte dos equipamentos de caráter metropolitano e parques de recreação para as comunidades vizinhas.

Reflexo da tradição das ganhadeiras, integrada ao parque, foi construída a Casa das Lavadeiras, um conjunto de lavanderias protegidas por uma galeria em curva.

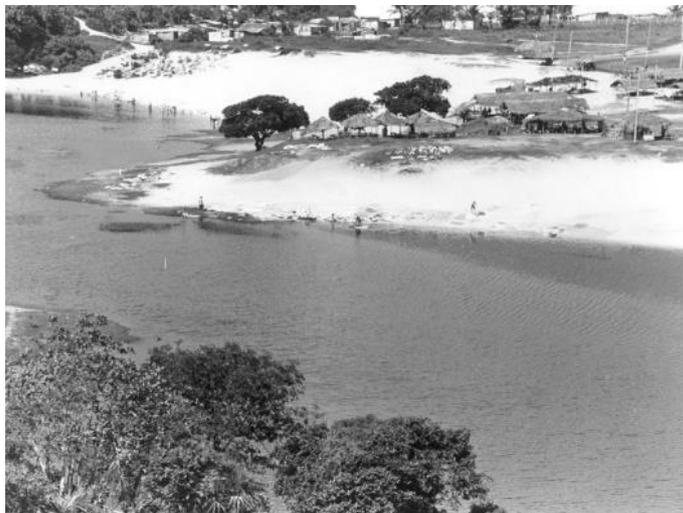
Foto 1. Paisagem atual da Lagoa do Abaeté



Fonte: Raul Spinassé / Ag. A Tarde (2015)

O motivo para a criação do Parque Metropolitano foi o resguardo da vegetação nativa, da lagoa de água escura e das dunas de areia branca. De acordo com Teixeira (2014), na ocasião, órgãos ambientais e governamentais alegaram que invasões imobiliárias estavam deteriorando a paisagem natural do lugar.

Foto 2. Lagoa do Abaeté em 1984



Fonte: Arquivo Ag. A Tarde (1984)

A área do Parque Metropolitano possui um centro urbanizado onde se encontra a Casa da Música de Itapuã, local que serve como sede do grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã. O grupo preserva a tradição histórica das lavadeiras que atuavam em diferentes regiões do país. Atualmente, a Casa da Música abriga exposições temporárias, saraus e bate-papos musicados, sempre com temas ligados à arte e a preservação do complexo do Abaeté. O espaço é gerenciado pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SecultBA) e foi inaugurada em 3 de setembro de 1993.

Com o propósito de preservar a memória da música baiana, a Casa da Música tem um acervo de 700 peças – partituras, instrumentos, discos – disponíveis para a consulta pública. O lugar serve para fomentar a produção cultural da comunidade e contribuir para a democratização e acesso à cultura.

1.2. As mulheres do ganho

Entre os artistas que frequentam a Casa da Música, encontramos o cantor e compositor Mestre Reginaldo (72 anos), também conhecido como Seu Regis. Através do samba, ele criou músicas que falam das ganhadeiras do passado e do presente, sempre lembrando nas canções os aspectos naturais do bairro onde vive há 45 anos. Durante a apuração de uma matéria sobre o samba de roda em Itapuã, feita pelo autor deste trabalho para a revista *Fraude* (2015), Seu Regis segurou pandeiro e tocou uma das composições preferidas. “Papai era pescador / Mamãe lavadeira / Eu ganhava meus trocados / Vendendo beiju na feira”. Para entender melhor quem são as ganhadeiras colocadas com orgulho nas letras do artista, é necessária a abordagem histórica sobre o panorama socioeconômico das mulheres do ganho.

De acordo com Cecília Moreira Soares, em *Mulher Negra na Bahia no Século XIX* (1994), o início do século XIX em Salvador – assim como em outros lugares do país – deixa latente uma nova camada social, formada por pessoas de “cor” livres pobres e ex-escravizados. Em consonância com Kátia Mattoso (1992), ela explica que os habitantes da capital baiana estavam divididos em quatro categorias sócio-ocupacionais principais: no topo os senhores de engenho, grandes negociantes, altos funcionários civis e eclesiásticos e oficiais militares acima da patente de sargento-mor. Ao descer para o próximo degrau, encontrávamos os funcionários intermediários do Estado e da Igreja, profissionais liberais, oficiais militares, comerciantes e pessoas que viviam de renda. Em seguida, tínhamos o degrau formado por funcionários

públicos de menor poder aquisitivo, profissionais liberais de pouco prestígio social, artesãos e ambulantes. Por fim, na base da escadaria, os escravizados, mendigos e desocupados.

Segundo o núcleo virtual da Rede de Memória do IBGE, o primeiro censo do Brasil foi realizado em 1872. Na ocasião, o censo revelou que Salvador tinha 108.138 habitantes, dos quais 12.501 eram escravizados. As mulheres negras representavam 33,7% da população da cidade e muitas comercializavam nas ruas frutas, verduras, peixes e outros alimentos, alguns prontos para o consumo. Parte deste contexto, as denominadas negras do ganho de rua, a exemplo das lavadeiras e vendedoras ambulantes, eram peças-chaves da engrenagem econômica da capital, em especial nas vilas de pesca. No desenrolar das conversas com Dona Mariinha, percebi como ela consegue descrever de forma precisa um cenário econômico ainda próximo do destacado pelo primeiro levantamento demográfico do país.

Itapuã era uma vila muito carente. Não tínhamos estruturas básicas de saúde, educação, saneamento. Nós, mulheres negras e ganhadeiras, realizávamos quase todos os serviços que atualmente estão na responsabilidade dos órgãos governamentais. A gente lavava roupa, cuidava e medicava os moradores que ficavam doentes. Executávamos diferentes tipos de ganho (DONA MARIINHA, 2018).

Do ponto de vista socioeconômico, até a metade dos anos 90, Itapuã foi marcada pela figura do pescador artesanal – indivíduo que realizava a pesca com aparatos de fabricação própria como canoas, jangadas, redes, cordas. As mulheres geralmente ficavam com os trabalhos domésticos, as atividades de venda e comércio de pescados e outros alimentos, além de funções auxiliares de uma economia de subsistência (SILVA, 2001). Como demonstração das fundamentais atividades auxiliares desenvolvidas no bairro, Dona Mariinha (2018) lembra dos chás e medicamentos de origem naturais que eram vendidos para os moradores locais. A aplicação das medicações e a elaboração e acompanhamento de tratamentos de saúde para os doentes configuravam outras formas de ganho, realizadas em domicílio.

Foto 3. Ganhadeira carregando peixes (1785-1842)



Fonte: Maria Abraham / Arquivo digital da Biblioteca Nacional

Ainda na mesma entrevista, a ganhadeira acrescentou o papel das descendentes familiares para o contexto social dessa antiga Itapuã. “Os tratamentos e indicações de plantas e outros medicamentos naturais eram aprendidos e repassados para as mulheres das gerações seguintes. Todas essas coisas, tudo o que conheço, aprendi com minha mãe, minhas avós, tias” (DONA MARIINHA, 2018).

Na análise das descrições dos autores históricos e nos relatos das entrevistas das ganhadeiras – realizados para esta pesquisa – é notável que hoje, após todo o monopólio da pesca no bairro, as ganhadeiras da Lagoa do Abaeté fortalecem um matriarcado similar – em alguns casos iguais – ao religioso das mães-de-santo. Mesmo com as diferenças em crenças e religiosidade, as mulheres reconhecem as influências de matrizes com a do candomblé.

É nítido que nós, mulheres do ganho, temos uma série de elementos das religiões de matriz africana. Isso não se faz presente apenas aqui, no nosso grupo e contexto cultural, mas está enraizada em outros coletivos de Salvador e da Bahia. É tudo fruto da nossa miscigenação histórica. No caso das ganhadeiras, marcas como a oralidade na comunicação é resultado da força que a tradição oral tem no candomblé, por exemplo (VERÔNICA, 2018).

As mulheres entrevistadas para este trabalho, a exemplo das demais ganhadeiras do bairro, são responsáveis por toda a administração da casa onde residem e dos ganhos que exercem. A partir da observação enquanto morador de Itapuã e das histórias coletadas das ganhadeiras, fica evidente o papel de liderança e independência financeira que as mulheres do

ganho têm na família e no lar. Em corriqueiros casos, as atividades de ganho formam a principal renda do domicílio.

1.3. As lavadeiras

No objetivo de ter continuidade ao processo de busca das dinâmicas de comunicação das ganhadeiras a partir das águas do Abaeté, é imprescindível abordar de forma histórica as mulheres que atuavam na lavagem de roupa, as lavadeiras, pois a lagoa era a principal “ferramenta” para a execução do seu tipo de ganho. De acordo com Soares (1994), no século XIX, a lavagem de roupa era realizada em fontes de água que exigiam o deslocamento das mulheres, fossem escravas ou libertas. O fato tornou possível a socialização das lavadeiras entre si e com outros grupos.

Diariamente, ou em dias alternados, as lavadeiras dirigiam-se a riachos e fontes para a lavagem de roupa. Nestes locais ficavam à vontade para desempenharem o serviço, tendo em companhia negros e brancos empobrecidos que também lá frequentavam. Os encontros periódicos entre essas pessoas criavam e solidificavam laços de amizade e solidariedade, ajudando na construção de um universo social relativamente autônomo da negra dentro da escravidão. (SOARES, 1994, p. 42)

O autor acrescenta que o processo de comunicação através de cantos, danças e gestos era comum entre as ganhadeiras da lavagem de roupa. A forma de interação mencionada, executada a partir de um espaço como a lagoa, é de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento das articulações comunicacionais dessas mulheres, fenômeno principal desta pesquisa.

A habilidade comunicacional da negociação era outra característica avançada das lavadeiras, pois, baseado em Soares (1994), o contexto das atividades de ganho representava a possibilidade de alforria para as mulheres escravas e maior autonomia para as libertas. De acordo com Leahy (2017), as escravizadas realizavam o ganho e pagavam uma determinada quantia para os seus “donos”, com o dinheiro que juntavam, aos poucos, conseguiam o necessário para comprar a sua alforria. Diante do processo de contextualização histórica desta pesquisa, é imprescindível destacar a relevância das ganhadeiras alforriadas para o processo de libertação de outros homens e mulheres em situação de escravidão.

Os trabalhadores de ganho, vistos em cidades brasileiras principalmente entre os séculos XVIII e XIX, eram negros africanos e de descendência africana, escravizados ou libertos, postos para trabalhar nas ruas, em atividades comumente desprezadas pela mão de obra branca e livre; ao

negro, ainda que liberto, não era socialmente tolerado o exercício de profissões de maior prestígio social. Os escravizados que realizavam trabalho de ganho pagavam aos seus “donos” uma quantia previamente acertada e, com o dinheiro que restava, aos poucos, era possível a alguns juntar o necessário para a compra da alforria. Havia, ainda, os escravos de ganho que eram liberados para morar em domicílio próprio, responsabilizando-se por seu sustento (Mattoso, 1978; Gorender, 1978), ainda que subjugados. (LEAHY, 2017, p. 2)

Diante de objetivos como conseguir a liberdade ou alforriar outras pessoas em situação de escravidão, segundo Bezerra (2010), as mulheres exerciam os mais diversos tipos de ganho. Ele destaca a importância das ganhadeiras no processo de resistência escrava para além da ruptura através da fuga e do aquilombamento.

Para Bezerra (2010), no Brasil escravista do século XIX, as negociações e conflitos que se davam em torno da busca pela liberdade envolviam agentes de diferentes segmentos da sociedade. O contexto fez surgir diferentes modos de ganho, sempre com o intuito de luta pela liberdade dos negros e negras.

A maioria dos libertos eram mulheres que angariavam fundos através de atividades como a própria roça e o comércio de entreposto ou atividades de “porta pra dentro”. O uso do próprio corpo como fonte de ganho em atividades de prostituição ou o *alugar-se como ama-de-leite*, somavam-se ao exercício de atividades que exigiam habilidades especiais como a de quituteira ou aquelas que exigiam um capital inicial como o pequeno comércio (BEZERRA, 2010, p. 63)

Ainda segundo Bezerra (2010), o protagonismo das mulheres escravizadas no processo de negociação das suas próprias cartas de alforrias, assim como a liberdade de seus familiares, é importante para a perspectiva da etnicidade. Dessa forma, ele reforça a predominância de crioulos no processo de negociação da liberdade.

1.4. Ritos das mulheres de água doce

A realidade do trabalho das antigas lavadeiras é característica presente em diversas regiões do país. Entre diferenças e similaridades da projeção socioeconômica e aspectos locais que envolvem crenças e religiosidades, na história do país, é possível encontrar outros casos de mulheres que dependiam da água proveniente de fontes como a lagoa para o trabalho de lavagem de roupa de ganho e realização de práticas religiosas.

Foto 4. Lavadeiras na Lagoa do Abaeté



Fonte: Arlindo Félix / Arquivo Ag. A Tarde

Em Almenara, município brasileiro localizado no interior de Minas Gerais, as lavadeiras do Rio Jequitinhonha mantêm a tradição cultural da lavagem de roupas na “mão”. Além disso, assim como acontece com o coro das ganhadeiras de Itapuã, elas cantam sambas de roda que remontam a história de luta das mulheres do ganho. De acordo com Borges (2013), no século XIX, o Vale do Jequitinhonha, onde fica Almenara, passa por outro movimento histórico que remete ao ocorrido na antiga vila de pescadores de Salvador, a miscigenação de povos e costumes. Feito a correlação, vale ressaltar que as principais atividades econômicas do lugar mineiro não estavam fundadas na pesca e venda de peixes, a exemplo do bairro da capital baiana.

A população do Vale do Jequitinhonha passou a viver basicamente de pequenas atividades agrícolas em vales e serras onde floresceu uma arte elementar com criação estética depurada. Banhado pelo rio Jequitinhonha o Vale possui 56 municípios organizados nas microrregiões do alto, médio e baixo Jequitinhonha, concentrando uma população de negros, brancos e índios, que mostra, desde o início da ocupação, sua arte comunitária, com a música dando voz aos sentimentos coletivos. (BORGES, 2013, p. 114)

Ainda segundo Borges (2013), os rituais católicos de benção das águas do Jequitinhonha mostram a conexão das lavadeiras de Almenara com o rio do local. As mulheres do ganho local se organizaram e formaram o Coral das Lavadeiras de Almenara, dentro do grupo cultural Lavadeiras Cantoras de Almenara. O coletivo foi organizado com o objetivo de preservar os ritos religiosos – ligados com a água – e o canto das ganhadeiras no processo de lavagem das roupas. A motivação de preservação de memória e identidade de uma cultura é característica similar ao que levou a criação do grupo As Ganhadeiras de Itapuã.

O Coral das Lavadeiras de Almenara se oficializou com 9 integrantes, dentre as 50 mulheres que fazem parte do grupo, em 1991. [...] O “Ritual de Bênçãos das Águas” realizado pelas Lavadeiras de Cantoras de Almenara contém elementos simbólicos advindos da religiosidade popular como o culto à Virgem Maria em suas várias faces, entrelaçado aos conteúdos místicos contidos nas Águas sacralizadas e consideradas como fontes originárias da vida, do bem, da pureza e do renovo. (BORGES, 2013, p. 116)

Os ritos e cantos do grupo de Almenara fortalecia – e ainda sedimenta – os laços com a paisagem natural do lugar. Em Itapuã, a conexão das ganhadeiras com a Lagoa do Abaeté tem como base o catolicismo e as religiões e crenças de matrizes africanas e indígenas, dado o cenário social e histórico do bairro exposto anteriormente.

De acordo com Teixeira (2014), as origens indígenas e africanas da antiga vila de pescadores fazem nascer diferentes versões para a origem e a mística da lagoa de água escura e doce do Abaeté. No entanto, ele afirma que a versão mais conhecida e difundida é a do intelectual Frederico Edelweiss (1969), especialista na língua tupi. Vale lembrar que a língua tupi é a falada pelos Tupinambás que ocupavam o litoral da Bahia na época de chegada dos portugueses.

Conta-se que Abaeté era um índio belo e forte, noivo de uma jovem moça. A mãe-d’água se apaixonou por esse índio. Quando ela soube que ele ia se casar, durante um banho na lagoa, a mãe-d’água levou-o para o fundo da água. Seu corpo nunca foi encontrado. Após a sua morte, durante noites de lua cheia, sua noiva se sentava na beira da lagoa para chorar sua perda. Conta-se que a mãe-d’água transformou o vestido e o véu da noiva nas dunas que envolvem a lagoa. (EDELWEISS, 1969, p. 6, apud TEIXEIRA, 2014)

Ainda segundo Teixeira (2014), o vocabulário “mãe-d’água” diz respeito à tradição dos cultos afro-brasileiros, realizados nos rios e lagoas. De acordo com a cultura, é comum a referência à presença de heróis humanos que se transformam em pedras, árvores, lagos, rios.

No estudo Braga (2018), que observou o culto a mãe d’água da família Conceição, tradicional de Maragogipe, no Recôncavo Baiano, fica evidente como a água tem força e importância para as práticas religiosas e culturais da Bahia. A autora da citada acompanhou e filmou o rito de presente à Iemanjá – orixá das águas – feito por Dona Conceição, sempre no dia 2 de fevereiro, no riacho que corre perto da sua casa.

É próximo a outra margem, do lado mais fundo do rio, que depositam a oferenda. Antes derramam alfavaca sobre os presentes. Este ano são muitos frascos, uma dezena. Achei que fossem trazê-los de volta, vazios, mas acabam arremessando-os para mais longe, no rio. Por fim, afundam a caixa e o barquinho. Na superfície flutuam as flores e a boneca. Todos se alegram com o sucesso da oferenda e o samba de roda retoma. Como já passa das 17 horas, e muitos devem partir, o batuque continua por mais meia hora e termina na beira do rio. Retornam para a casa de Dona Conceição, alguns começam a se

despedir, marcando encontro para a festa no ano seguinte. (BRAGA, 2018, p. 83-84)

As práticas religiosas feitas em águas doces explicam a ampla conexão das ganhadeiras de Itapuã com a Lagoa do Abaeté. Em entrevista para este trabalho, Maria do Xindó mostrou o respeito pela mística que envolve a lagoa e todos os ritos religiosos que são feitos entorno do espaço.

As mulheres e os demais moradores do bairro usam a lagoa para as suas orações. E não importa se é católico, do candomblé, todos se respeitam e entendem a importância que esse lugar tem para os seus credos. Para se ter ideia da força do Abaeté, algumas ganhadeiras, enquanto cantavam, chegavam a dar santo, ficavam “batendo” as pernas e os braços. Sempre que isso acontecia, existia todo um apoio e reza das mulheres que estavam no local (MARIA DO XINDÓ, 2018)

Com base nos relatos coletados nesta pesquisa, as músicas cantadas pelas mulheres na beira da lagoa criavam o ambiente de interação e fortalecia os laços afetivos das lavadeiras. Nem todas as canções eram feitas em coro único, algumas começavam a partir do canto solo de uma ganhadeira que era respondido por outra, mesmo que em pontos afastados da orla. Nesse sentido, essas articulações musicais passam a fazer parte de um sistema que favorece a comunicação entre as mulheres do ganho, que será tratada na próxima seção deste trabalho.

CAPÍTULO 2

Formas de dizer de si

Sobre as formas de dizer de si, ou seja, a comunicação das ganhadeiras, são encontrados diversos aspectos verbais e não-verbais. O desafio de análise desses elementos torna necessário a breve abordagem sobre o que de fato é essa área de conhecimento. Para Martino (2001), ao falar de comunicação, estamos diante de um termo que é complexo, devido as múltiplas possibilidades de respostas que podem ser consideradas – sem entrar no mérito de serem assertivas ou não.

O termo comunicação vem do latim *communicatio*, do qual distinguimos três elementos: uma raiz *munis*, que significa “estar encarregado de”, que acrescido do prefixo *co*, o qual expressa simultaneidade, reunião, temos a ideia de uma “atividade realizada conjuntamente”, completada pela terminação *tio*, que por sua vez reforça a ideia de atividade. E, efetivamente, foi este o primeiro significado no vocabulário religioso aonde o termo aparece pela primeira vez (MARTINO, 2001, p. 13)

Ainda para Martino (2001), existem sentidos importantes implicados na definição original do que é a comunicação. “1) o termo comunicação não designa todo e qualquer tipo de relação, mas aquela onde haja elementos que se destacam de um fundo de isolamento; 2) a intenção de romper o isolamento 3) a ideia de uma realização em comum” (MARTINO, 2001, p. 13). O autor destaca outro aspecto importante para a abordagem do processo comunicacional das ganhadeiras, a mensagem enquanto comunicação.

Uma mensagem ou informação não é comunicação se não de modo relativo. Primeiramente, ela é comunicação em relação aqueles que podem tomá-la enquanto tal, isto é, não como coisa, mas como da ordem do simbólico. [...] Para que a página de um livro se transforme em mensagem é preciso reunir tanto atividade do leitor, quanto o produto da atividade do escritor. Consequentemente, um livro na estante não é comunicação, senão a partir do momento dessa interação. Digo relação (MARTINO, 2001, p. 16)

O debate da comunicação, feito em consonância com Martino (2001), justifica este estudo comunicacional no âmbito do “a partir” da Lagoa do Abaeté, tendo em vista que a lagoa por si só não comunica, mas pode funcionar como um suporte que gera as condições de comunicação das antigas ganhadeiras de Itapuã. Em resumo, segundo o autor, a informação é o rastro que uma consciência deixa sobre um suporte que uma outra consciência pode resgatar, recuperar e simular o estado no qual se encontrava a consciência original.

Diante do que foi abordado, ao olhar para a observação do processo comunicacional das ganhadeiras de Itapuã – a partir da Lagoa do Abaeté – é notável como a memória se torna o termo de ligação entre as mulheres. Em todas as entrevistas realizadas para este trabalho, o objetivo de resgate da memória das antigas moradoras do lugar sempre aparece. Na qualidade de comerciantes e lavadeiras, cabe destacar que as mulheres do ganho trazem habilidades comunicacionais que são bem desenvolvidas, como a fala e a composição musical - muitas vezes usadas para a venda, a voz forte e afinada nos corais femininos de lavagem.

As habilidades fazem parte do processo de preservação e construção da memória das antigas moradoras. O termo memória, aplicado aqui, não se trata apenas da questão biológica, fundada na capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis no cérebro, segundo a neurociência. Em acordo com o sociólogo Michael Pollack (1992), no grupo As Ganhadeiras de Itapuã, é observável que memória existe no âmbito individual e coletivo. O sociólogo acrescenta que os elementos constitutivos da memória são os acontecimentos vividos por tabela e pelo grupo.

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de vividos por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLLACK, 1992, p. 201)

No caso do grupo das ganhadeiras, encontramos mulheres que têm um passado vivido em comum. O passado que também herdaram da memória de seus pais e avós e serão repassados para netos, bisnetos, tataranetos.

Colocada a breve teorização da memória, é necessário mencionar as conexões entre memória e comunicação. A memória das mulheres do ganho é materializada em atos comunicacionais como o canto, em diálogos corporais como a dança, em gestos como os de fala. No corpo das mulheres, observações como as marcas na pele deixam evidentes a passagem do tempo e a lembrança de uma vida de atividades como a lavagem nas margens das águas do Abaeté.

Nesse sentido, as expressões que fazem parte das memórias dessas mulheres, essenciais para a pesquisa, partilham um lugar em comum, a Lagoa do Abaeté, formando estratégias comunicacionais duráveis em torno do ambiente. A partilha de uma mesma região, atrelada com toda a história que envolve o antigo bairro, molda e desenvolve os atos cotidianos de

comunicação verbal e não-verbal do grupo cultural das ganhadeiras – a música, a dança, a forma de se vestir e interagir com a comunidade e demais setores sociais da cidade.

Em consonância com Mesquita (1997), a ideia de comunicação não-verbal aplicada nesta pesquisa é a de ser um meio, dentre outros, de transmitir informação. “É um conceito que evidencia um extenso campo de comunicações, pois este não se restringe apenas à espécie humana. A dança das abelhas, o ruído dos golfinhos, a expressividade das artes: Dança, Música, Teatro, Pintura, Escultura etc, são também consideradas formas de comunicação não-verbal” (MESQUITA, 1997, p. 158)

As formas não-verbais de comunicação das ganhadeiras de Itapuã serão exploradas neste trabalho junto com as verbais, sem descartar as ponderações feitas por Martino (2001), onde processo de interação entre consciências é de suma importância para se ter a troca de informações e os consequentes elementos comunicacionais das mulheres, usados nas articulações entre elas e com os demais agentes sociais do bairro.

Em maio de 2018, na casa de Dona Mariinha, localizada na Rua do Céu, lembro que fui recebido por uma mulher de sorriso fácil, cabelos grisalhos e uma roupa que preserva a tradição do ganho do bairro. Da mesma maneira que as suas antepassadas, ela usava camisa de renda branca, saia rodada colorida, turbante na cabeça, pulseiras e colares feitos de sementes naturais colhidas em Itapuã. Na hora da venda, as ganhadoras vestiam as roupas e adereços típicos (LEAHY, 2006).

Hoje, nos momentos de encontro com as companheiras de grupo cultural, nas entrevistas para os veículos de comunicação e demais setores sociais da cidade, a roupa permanece a mesma. Essa é a forma como Dona Mariinha e as outras ganhadeiras preservam uma tradição e mantém um elemento comunicacional que é fruto da história de Itapuã e do labor da lavagem de roupas na Lagoa do Abaeté.

Foto 5. As roupas coloridas de Dona Mariinha



Fonte: Edvaldo Borges / Flickr (2011)

Diante disso, através dos estudos históricos aqui mencionados e das observações feitas nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, aferimos a vestimenta como o primeiro fator de comunicação entre as ganhadeiras, resultado do contato com as águas escuras da lagoa. “As peças de roupa também eram pensadas para proteger as mulheres do frio. Já viu como o Abaeté faz frio no começo da manhã? Pois era nesse horário que a gente realizava a lavagem das peças de roupas dos clientes” (DONA MARIINHA, 2018).

Vestida de igual forma, com saia de estampa florida, Maria do Xindó chega na casa de Dona Mariinha. Ela senta ao lado da ganhadeira e aproveita o momento de relato das roupas para acrescentar o uso dos lenços que envolviam a região do seu pescoço, ainda colocados com a função de proteger do frio da Lagoa do Abaeté – especialmente no começo da manhã –, além de ser um item de composição estética das mulheres. Maria do Xindó (2018) ainda elucida que as saias rodadas e as camisas de renda traziam como vantagem para o trabalho de lavagem a vantagem de secarem rapidamente ao ficarem molhadas. Entretanto, ao olhar para o outro lado da moeda, ela falou que era necessário usar vários panos e lenços para aquecer o corpo, especialmente nas épocas de inverno, onde o vento e a água ficavam “gelados”.

Atualmente, assim como ocorria em sua rotina como lavadeira, essas roupas e assessórios criam relações de identificação no bairro. Nos diferentes momentos de confraternização e conversas com Maria do Xindó, as peças coloridas e os adereços que vestem a ganhadeira facilitam o reconhecimento entre os outros residentes da comunidade. “Xindó, abraço!”, “Xindó, mais tarde quero falar com você”, gritam à distância os moradores.

Na cabeça de Maria do Xindó, o turbante usado para compor o visual somava outra função na sua juventude, o de criar aderência para os baldes de peças de roupa dos clientes e os balaios de alimentos carregados na cabeça. Com a rotina de percorrer vários quilômetros pelo bairro e no caminho até o centro da cidade, ela explicou que o adereço garantia o maior equilíbrio nas viagens. “Por longos e desafiadores trajetos, a gente carregava balde de água e de roupa, balaio de peixe e outras comidas de ganho. O melhor é que nunca deixei nada cair! E olhe que os passos eram bem ágeis e parávamos para conversar com muitos moradores no caminho (MARIA DO XINDÓ, 2018).

As ganhadeiras que viviam em Itapuã levavam o peixe e outros quitutes para serem comercializados na cidade. Por viverem em um local muito afastado e sem transporte público, andavam cerca de 25 quilômetros para mercar. Percorriam toda a praia a pé, passando pelas regiões de Jaguaribe, Boca do Rio, Pituba e Cabula. [...] Pelo caminho, as mulheres entoavam canções e cantigas que retratavam o cotidiano de suas atividades e a paisagem do vilarejo onde viviam. (LEAHY, 2006, p. 5)

Além dos cantos proferidos nas viagens de ganho, conforme descrito por Leahy (2006), as canções feitas em momentos como o da lavagem de roupas formam outra lembrança forte das ganhadeiras, na análise das respostas proferidas por elas para este trabalho. Entre as canções, usadas para manter a interação entre as mulheres da beira da lagoa, o *Canto da Lavadeira*, destinado para os dias de chuva, é o preferido de Maria do Xindó. Diante do contexto, é perceptível a relação do canto das mulheres com a natureza do Abaeté, pois variáveis como os dias chuvosos eram prejudiciais para o ganho – ao tornar inviável o processo de lavagem e secagem das peças de roupas que eram estendidas na areia.

Na juventude, enquanto esperava para lavar as roupas de nove famílias da cidade, Maria do Xindó cantava “Ô lavadeira que lava no areial / Ô lavadeira que lava no areial / Faz sol meu Deus pra lavadeira lavar / Faz sol meu Deus pra lavadeira lavar”. Nas apresentações com o grupo As Ganhadeiras, ela mostra que continua com a mesma afirmação e força vocal.

A gente cantava para a chuva passar. Depois de alguns minutos cantando, a chuva sempre passava. O segredo era a força do nosso coral, formado por vozes de mulheres valentes”, diz Xindó. O canto das ganhadeiras, visto pela óptica de ser o nosso segundo elemento de comunicação a partir da Lagoa do

Abaeté, é aprendido de geração em geração. “Minha mãe batia no prato, meu pai na panela. Enquanto eu cantava, escutava a voz dela dizer “você vai ser uma grande ganhadeira!” (MARIA DO XINDÓ, 2018)

Os cantos não ficavam restritos ao ato da lavagem, recordou Dona Mariinha. Quando era aniversário de uma lavadeira, as mulheres lavavam cantando durante o dia e à noite faziam um samba na casa da aniversariante. Ainda em explanação para esta pesquisa, Lucinha lembra do aniversário de 15 anos, realizado nas margens da lagoa. “A lagoa era cercada por vários pés de gergelim. No meu aniversário de 15 anos, fui logo cedo, por volta das cinco da manhã, lavar roupa com minhas amigas ganhadeiras. Lembro que foi um dia de muita música, em minha homenagem, e muita comida. A gente assou carne e comeu embaixo de um desses gergelins, fazia uma sombra boa [risos]” (LUCINHA, 2018). Vale lembrar que as cantigas entoadas por elas também serviam – e ainda servem – para atrair os clientes.

No âmbito técnico, baseado nas informações coletadas nas entrevistas feitas para esta pesquisa, as mulheres relatam que utilizam as sensações e vibrações ocorridas durante a fonação para notar a própria voz durante o canto. A noção da afinação ocorre também pela percepção das vozes das colegas de coro, fato que cria laços afetivos e harmoniosos na vida e no samba.

Nessa perspectiva, é possível entender todo o corpo da ganhadeira como um instrumento de canto e comunicação. A partir da ideia de que a voz e o corpo não são elementos separáveis, assim como mente e corpo, o desenvolvimento da consciência do corpo e sua presença no espaço é peça essencial para a expressividade dos cantores e regentes (ZANATTA, 2008). Em relato para este trabalho, a ganhadeira Verônica (2018), de 33 anos, mostra que a Lagoa do Abaeté é fundamental para passar mensagens através da cantoria. “Olhar para as águas do Abaeté ajuda no processo de transmissão da informação que queremos passar com as nossas vozes. Estamos falando de um meio oral que é fortalecido pela paisagem natural e magia que a lagoa guarda. As letras falam sobre ela, falam sobre nós, mulheres itapuanzeiras”.

Foto 6. Voz e corpo são elementos inseparáveis das Ganhadeiras de Itapuã



Fonte: Ricardo Prado / Divulgação (2015)

A partir da base teórica de Martino (2010), a música como forma de comunicação reforça o sentido de comunidade e identidade das mulheres, onde a mídia se torna elemento de vínculos de identidades culturais.

O caso da música forneceria outros dados semelhantes sobre a construção representações a partir da mídia. Fazer parte de uma tribo urbana, ser gótico, punk ou nerd, por exemplo, também em alguma medida é estar ligado a um circuito de consumo, leitura no sentido amplo do termo, articulação e produção de representações no qual a mídia, em algum momento, está inserida. Se ter uma identidade é também reconhecer as fronteiras dos grupos nos quais se está inserido, é possível notar que esse “fazer parte” significa, no cotidiano, gostar desta ou daquela roupa, ouvir um ou outro tipo de música, ter alguns livros e não outros. (MARTINO, 2010, p. 9)

No caso das ganhadeiras, a identidade musical baseada no samba de roda, além de servir como meio de preservação de uma cultura, valoriza a raiz africana do grupo. No processo de acompanhar os cantos das ganhadeiras, é notável como esse meio de comunicação - feito a partir do samba entoado em beira de lagoa - ganha força com a atuação e as vozes de mulheres que traduzem para os ouvintes as lutas, a experiência de vida, a religiosidade.

O samba de roda, desde antigos relatos, traz como suporte determinante tradições culturais transmitidas por africanos escravizados no Estado da Bahia. Essas tradições se mesclam de maneira singular a traços culturais trazidos pelos portugueses, como os instrumentos e a própria língua portuguesa. Tela mescla, assim como outras mais recentes, não exclui o fato

de que o samba de roda foi e é essencialmente uma forma de expressão dos brasileiros afrodescendentes, que se reconhecem como tais (Samba de Roda do Recôncavo Baiano. IPHAN, 2006, p.24)

Dentro das rodas de samba, as coreografias e movimentos corporais das ganhadeiras não perdem a agilidade com a areia branca do Abaeté. O que ocorre é um efeito contrário, os pés descalços e as saias rodadas realçam o típico passo de dança chamado de miudinho. A performance das mulheres tem caráter inclusivo, ou seja, convida os presentes para participar, cantando as respostas em corais, sambando e batendo palmas no ritmo.

Aspectos comunicacionais como a roupa, o timbre da voz, a letra da música e a dança, presentes nas apresentações das mulheres do ganho, são usados com o respeito à memória e costumes das antigas lavadeiras do bairro. Diante do objetivo, o teatral aparece como outra forma de transmissão de informação sobre a vida das ganhadeiras do bairro. Com os balaios carregados de produtos do ganho, a exemplo de frutas e peixes, as mulheres ensaiam performances que remetem ao difícil trabalho de comércio. A representação desta realidade é feita nas aparições do grupo em encontros e shows culturais que são realizados na Lagoa do Abaeté e em outros pontos da cidade, muitos acompanhados de perto no decorrer da pesquisa de campo deste trabalho.

Para as ganhadeiras Tereza Conceição (67) e Jaciara dos Santos (55), baianas de acarajé, as performances não valorizam apenas o passado, mas fomenta o desafiador trabalho de ganho desenvolvido no presente. “Sou baiana de acarajé, minha mãe me ensinou a profissão. O que faço aqui [no grupo] é contar as nossas histórias de vida” (JACIARA, 2018). “Eu retrato uma rotina muito corrida. Como baiana de acarajé, acordo seis da manhã todos os dias, preparo o acarajé e nove horas estou no ponto de venda, em Ondina” (TEREZA, 2018).

Além da música, o teatro foi outra linguagem presente nas suas apresentações ou, como costumam dizer os participantes da cultura popular, “representações” nas quais as ganhadeiras entoavam cânticos e pregões, criando a atmosfera do comércio de rua, de ganho, recriando o ambiente do espaço urbano de séculos anteriores nos quais negras africanas e crioulas vendiam de quitutes a botões, levando, inclusive, a originar uma das mais representativas profissões da Bahia, as baianas de acarajé. (SORRENTINO, 2012, p.59)

Na questão da atuação teatral das ganhadeiras, é importante deixar reforçado que são considerados os aspectos gestuais e corporais, acompanhados pelo coral à capela ou com o batuque dos instrumentos musicais. Por meio dos gestos, consciente e inconscientemente, as mulheres reforçam os laços de amizade e apresentam ao público o cenário de venda e lavagem em Itapuã.

No momento de uma das apresentações do grupo, Verônica (33) estende o braço e mostra os produtos do balaio com a maestria de quem conhece de perto as habilidades de comércio. Desde a infância, a ganhadeira vende cocada e faz apresentações artísticas de dança pela cidade. “O gestual, o sorriso – além de outros elementos da comunicação – fazem parte da minha rotina de atuar com esses tipos de ganho. Você aprende a ter carisma e boa expressão corporal” (VERÔNICA, 2018). Ao lado de Verônica, no mesmo momento de performance, a tia Lucinha (65) movimentava para cima e para baixo os braços, simulando as ações do corpo da lavadeira na hora de esfregar as peças de roupas dos clientes.

Segundo Sorrentino (2012), para essas atrizes sociais e culturais – termo que usa para se referir as ganhadeiras – o momento da apresentação performática não significava apenas colocar figurinos e contar uma história antiga, a exemplo dos atores que encenam determinados personagens. As mulheres do ganho são protagonistas de sua própria história, encenam aquilo que vivenciaram e que a maioria delas ainda vivencia.

CAPÍTULO 3

Cultura e modo de vida das mulheres da lagoa

Depois de percorrer todo o percurso de observação e análise dos elementos que formam a comunicação das ganhadeiras, partindo da lagoa de água escura e areia branca, fica nítido que o ambiente faz parte de todo um roteiro e cenário de vida das mulheres entrevistadas para este trabalho. O modo de vida delas é ligado de forma direta aos meios de comunicabilidade que são adotados. É o caso da música, da força da oralidade e das estratégias de comunicação não-verbal.

Conforme apresenta Raymond Williams (1979), o conceito de cultura consegue reunir diferentes ideias ao longo do tempo e dos avanços das organizações sociais pelo mundo, diante de descrições feitas pelo pensamento “político”, “social” ou “sociológico”, e “econômico”. Ao explorar a cultura pela perspectiva do modo de vida – a exemplo desta pesquisa –, o termo passa a se referir a estilos de vida particulares, organizados por valores comuns e comportamentos presentes em todo instante.

[...] a ideia de um processo social fundamental que modela “modos de vida” específicos e distintos é a origem afetiva do sentido social comparativo de “cultura” e de seu plural, já agora necessário, de “culturas”. A complexidade do conceito de cultura é, portanto, notável. Tornou-se também um nome de processo “íntimo”, especializado em suas supostas agências de “vida intelectual” e nas “artes”. Tornou-se também um nome de processo geral, especializando configurações de “modos de vida totais” (WILLIAMS, 1979, p. 23)

A partir da definição destacada, o modo de vida das ganhadeiras passa a ser explorado por meio de histórias e relatos que fazem parte de diferentes momentos da vida particular das mulheres, além de expor valores comuns. Para Canclini (2005), esses valores fazem parte de uma cultura que está em movimento e segue conectada com outros saberes ao redor do mundo. O fato torna importante a observação da interação entre culturas, como forma de considerar as mudanças interculturais e globais que incidem nesta parte do estudo.

Para as antropologias da diferença, cultura é pertencimento comunitário e contraste com os outros. Para algumas teorias sociológica da desigualdade, cultura é algo que se adquire fazendo parte das elites ou aderindo aos seus pensamentos e gostos; as diferenças culturais procederiam da apropriação desigual dos recursos econômicos e educativos. Os estudos comunicacionais consideram, quase sempre, que ter cultura é estar conectado. Não há um processo evolucionista de substituição de algumas teorias por outras: o problema é averiguar como coexistem, chocam ou se ignoram a cultura

comunitária, a cultura como distinção e a cultura.com. (CANCLINI, 2005, p. 16)

Diante da complexidade e desafio de tal análise social, Canclini (2005), faz a definição operacional da cultura através de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social. Em suma, o autor ajuda a tratar da cultura e modo de vida na dimensão simbólica, cidadã e econômica, a exemplo do modelo de política cultural do Brasil⁵. Vale ressaltar a importância do tripé para esta parte do trabalho.

A dimensão simbólica, baseado no estudo do autor, nas políticas culturais e nos depoimentos coletados nesta pesquisa, passa pela abordagem das ganhadeiras pelo caminho antropológico. Nesse aspecto, a cultura das mulheres do Abaeté ganha possibilidades de criação simbólica expressas em modo de vida, motivações, valores, práticas, rituais e identidades. Em Itapuã, o capital simbólico das mulheres do ganho, fomentado pela expressão múltipla dessas moradoras, fortalece elementos como a autoestima e os laços de amizade e solidariedade.

No âmbito cidadão, de acordo com Canclini (2005) e as políticas culturais, o acesso à infraestrutura cultural é tensionado pelas desigualdades do mundo globalizado. Nesse contexto, é importante observar que as ganhadeiras estão inseridas em uma população tradicional da cidade que não está plenamente incorporada aos seus direitos culturais, pois os meios de promoção e preservação de culturas indígenas e de grupos afro-brasileiros são insatisfatórios, realidade enfrentada pelos coletivos e artistas do Abaeté.

Ainda em consonância com o autor e as políticas públicas, o acesso à cultura na dimensão cidadã passa pela comunicação e tecnologia. É preciso estimular a democratização das condições de produção, circulação e consumo, através de alternativas como a expansão dos meios de difusão cultural. Dentro das questões que envolvem a comunicação e interação de um mundo globalizado, existe a necessidade de ter lugar de fala para os agentes que estão significando determinada cultura, como é caso de cada mulher do ganho de Itapuã.

No entanto, na comunicação e produção científica, conforme Canclini (2005), o processo de trabalhar com a coleta de saberes de grupos sociais mais afastados ou excluídos de áreas hegemônicas de conhecimento exige cuidado, especialmente ao ter abordado a questão da cultura na realidade da globalização.

Tal como outras designações de processos contemporâneos – “sociedade de consumo”, “globalização” –, requer especificar com cuidado seu âmbito de aplicação para não homogeneizar movimentos heterogêneos ou grupos sociais excluídos das modalidades hegemônicas do conhecimento. Dado que os saberes científicos e as inovações tecnológicas estão desigualmente repartidos entre países ricos e pobres, por níveis educacionais e faixas etárias, a

⁵ A concepção da cultura em três dimensões (simbólica, cidadã e econômica) foi fundamentada pelo ex-ministro Gilberto Gil, quando esteve à frente do Ministério da Cultura (MinC), no período de 2003 até 2008.

problemática da diversidade cultural e os estudos sobre ela devem fazer parte da consideração teórica, da investigação empírica e do planejamento de políticas neste campo. (CANCLINI, 2005, p. 225-226)

Diante da ponderação sobre as hegemonias do conhecimento, Canclini (2005) contribui com outra dimensão do tripé cultural que abraça o modo de vida, a econômica. O autor explica que a distância entre culturas cresce como consequência da hegemonia de ideias que priorizam o mercado como meio regulador das dinâmicas de expressão simbólica.

No modelo de interculturalidade de Canclini (2005), na medida que a globalização gera a aproximação de diferentes grupos culturais, encontramos diferenças que ficam ainda mais evidenciadas. Diante disso, a convivência de diferentes etnias, denominada de multiculturalidade, com o intercultural de âmbito global geram relações de negociação e conflito. Logo, a tradição de grupos como os das ganhadeiras ganha caráter de resistência, frente as diferentes interações de saberes com outras partes do país e do mundo.

Parecem esgotar-se os modelos de uma época na qual acreditávamos que cada nação podia combinar suas muitas culturas, e mais as que iam chegando, num só “cadinho”, ser um “crisol de raças”, como declaram constituições e discursos. Está por acabar-se a distribuição estrita de etnias e migrantes em regiões geográficas, a distribuição de bairros prósperos e carentes, que nunca foi inteiramente pacífica, mas era mais fácil de governar, uma vez que os diferentes estavam distanciados (CANCLINI, 2005, p. 16-17)

Dos relatos que funcionam como recortes do modo de vida de uma ganhadeira, é possível identificar como a força de elementos simbólicos, a exemplo das práticas comunitárias, se encontram com a realidade econômica da população local, formada pela tradição de pesca e ganho da antiga vila de Salvador. Ao longo dos depoimentos, cada mulher contribui para a fomentação de um modo de vida intercultural ou estabelece as diretrizes da diversidade social.

3.1. Relatos de cultura e vida das ganhadeiras

Na adolescência, entre os 14 e 15 anos, Lucinha acordava cinco horas da manhã para acompanhar a mãe à Lagoa do Abaeté, onde lavava roupa de ganho. Na areia branca, ela fixava um varal feito com galhos de árvores coletadas nos arredores. Cascas de coco e folhas secas completavam a estrutura onde a roupa do cliente era estendida para secar. O licuri, um pequeno coquinho muito presente na paisagem natural da região, era usado para fazer um bagaço que era passado por toda a roupa. A espécie de sabão natural que é usado até hoje por Lucinha. Ela afirma que o produto extraído do licuri deixa a roupa branca e limpinha (LUCINHA, 2018).

No varal da casa de Lucinha, na Baixa do Dendê, as roupas alvas chamam a atenção dos moradores que passam por perto. Ainda na entrevista citada anteriormente, ela acrescenta que muitos param e batem na sua porta para perguntar o segredo de roupas tão limpas e brancas.

“Sempre respondo que o segredo é o licuri e a longa experiência de lavagem nas margens da lagoa [risos]”, disse a ganhadeira.

Apesar do trabalho de lavagem ser difícil e desafiador, Lucinha afirma em relato que tem orgulho de cada momento vivido no Abaeté, pois tudo contribuiu para a formação do seu caráter e da sua identidade como mulher do ganho. “Assim como você, eu também estudei. A questão é que a minha faculdade foi essa lagoa. Se fosse possível voltar para aquela época, não tenho dúvida que voltaria para um momento de muito aprendizado e felicidade”, conclui Lucinha (2018).

Entre as características do modo de vida com as companheiras de ganho e a comunidade, Lucinha destaca que ainda participa de mutirões solidários.

A solidariedade é uma característica das ganhadeiras que permanece muito viva. A gente realiza mutirões para ajudar as mulheres do grupo e também os moradores que estão passando por qualquer tipo de necessidade, como falta de comida na mesa. Quando uma ganhadeira fica doente, todas ligam e visitam para saber como estão. É bonito olhar todo esse carinho (LUCINHA, 2018)

Conforme ainda o referido relato de Lucinha, a prática da ajuda mútua era acrescida pela troca de informações sobre determinadas atividades, como a lavagem de roupa e venda de produtos, e orações realizadas na casa das moradoras e moradores enfermos, mediante a autorização dos mesmos.

Nascida em Portão, bairro da cidade de Lauro de Freitas – Região Metropolitana de Salvador – Maria do Xindó não gosta de quem fala que ela não é “itapuanzeira”. Filha de ganhadeira, assim como Lucinha, ela ajudava a mãe na venda de beiju pela capital baiana. Viúva há 23 anos, ela tem orgulho de ter formado duas filhas na faculdade com a renda obtida dos ganhos, a lavagem de roupa era um deles. Hoje, ao caminhar pelo bairro, ela nota como a rotina das ganhadeiras mudou, na comparação com o período da sua adolescência.

Ainda faço alguns trabalhos de lavagem de roupa em casa, assim como outras ganhadeiras do bairro. Das andanças por Itapuã, vejo algumas mulheres que mercam de forma mais moderna, com mais classe. Elas não gritam, pois têm estruturas como o carro de som (MARIA DO XINDÓ, 2018)

O trecho de fala de Maria do Xindó mostra como a articulação comunicacional da ganhadeira – resultado de um modo de vida que passa pelo labor na lagoa – possibilita a observação de outras estratégias de comunicação, aplicadas por mulheres do bairro que desenvolvem atividades como a vendagem.

A sobrinha de Lucinha, Verônica, conhece bem a realidade do ganho feito pela venda de produtos. Ela acorda cedo para separar a cocada que vende nas ruas de Salvador. Enquanto ela se divide entre o comércio da cocada e as apresentações artísticas que realiza pela cidade, ganhadeiras de gerações anteriores mantêm o costume da venda do bolinho de feijão típico da capital baiana, o acarajé.

Esse é o caso da baiana de acarajé Jaciara dos Santos, que aprendeu o ofício da profissão com a mãe e a tia. Durante a semana, ela participa das reuniões das ganhadeiras na Casa da Música de Itapuã, realizadas nas quartas no começo da noite, 19 horas. No sábado e domingo, vende o acarajé que faz na praia de Ondina. Lavadeira na adolescência, hoje ela encontra na música uma forma de manter a mente saudável.

Minha tia Maria me ensinou muita coisa sobre Itapuã. Os lugares as histórias. Como minha mãe era doméstica e não tinha como ficar muito tempo em casa, passeava com minha tia pelo bairro. Minha mãe é outra Maria, Maria de Paula. Hoje, em meio a tantos problemas diários que fazem a cabeça esquecer das coisas, encontro no grupo e no samba o meio de resistência e lembrança de fatos da minha história que não podem ser esquecidos. É como uma verdadeira terapia. (JACIARA, 2018)

Entre uma conversa e outra, no processo de entrevista deste trabalho, ficou perceptível como Jaciara faz esforço para lembrar os detalhes da sua história de vida, da ganhadeira adolescente até a mulher de voz afinada e melódica que vende acarajé em Ondina. No entanto, quando olha para a lagoa ou escuta as canções entoadas pelas companheiras de grupo cultural, as memórias voltam no semblante de paz que surge em seu rosto. É como se elas ficassem ali, sem precisar de palavras para serem capturadas pelos sentidos de quem está ao lado da ganhadeira.

Para Tereza Conceição, igualmente vendedora de acarajé, a rotina de trabalho está na ponta da língua. Dos 13 aos 18 anos, ela lavou roupa no Abaeté, mas conta que não era para ganho. Eram as peças de roupa de casa. Nascida e criada em Itapuã, o ganho dela sempre foi a venda do bolinho de feijão no bairro. Todos os dias, em uma praça que fica no pé da Ladeira do Abaeté, é possível visualizar o seu ponto de venda – no termo popular baiano a “barraquinha de acarajé”.

Logo cedo, por volta das seis da manhã, preparo o acarajé que vai para o ponto de venda. Nove da manhã, em ponto, estou no local, aqui mesmo em Itapuã, vendendo. É a rotina corrida de uma ganhadeira. Se eu for viajar ou participar de algum compromisso com as companheiras e amigas de grupo cultural, coloco a minha filha para ficar no ponto. (TEREZA, 2018)

Dona Mariinha sente saudade da época de lavagem de roupas para o ganho, feito na Lagoa do Abaeté. Desde pequena, a ganhadeira que conta que tinha o hábito de tomar banho, lavar roupa e cozinhar com a água escura da região. Hoje ela tem orgulho de fazer parte do coral das mulheres do ganho do bairro. Com toda a experiência de vida, Dona Mariinha assume um importante papel de orientação das questões que envolvem o grupo, como as decisões sobre as apresentações e canções feitas com as companheiras.

No grupo, existe a questão do respeito pelas ganhadeiras mais vividas. Algumas chegam a me pedir orientações sobre questões que envolvem as apresentações do grupo. Eu adoro cantar com esse grupo, mesmo não sabendo sambar muito [risos]. Vou para todas as apresentações com alegria, vontade de mostrar tudo de bonito que somos. Nos lugares onde passo, sou tratada muito bem pelas pessoas. Acredito que isso já significa muita coisa, essa admiração e energia positiva que a interação com o público provoca. (DONA MARIINHA, 2018)

Esse atual modo de vida das integrantes do grupo As Ganhadeiras de Itapuã, marcado por apresentações em shows e encontros culturais⁶, gera boas lembranças para as mulheres e contribuem para a interação com os moradores do bairro e de outros pontos da capital baiana.

Da primeira apresentação do grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã – feita na Praça Vinicius de Moraes, em Itapuã – até hoje, Maria do Xindó coleciona histórias que estão conectadas pelo convívio com a companheiras de palco e de vida.

Na nossa primeira apresentação, lembro que eu estava bem nervosa. A corrente de conversa e oração que a gente tradicionalmente faz nos ensaios ajudou a trazer a calma de espírito. No entanto, uma menina de uns sete anos me fez chorar de rir, pouco antes de começar o show. Ela se aproximou do palco e falou: O que você está fazendo com o lenço de pescoço da minha avó? Não falei nada, mas era da avó dela mesmo. [risos] (MARIA DO XINDÓ, 2018)

As experiências vivenciadas pelas ganhadeiras da lagoa evidenciam parte da rede de solidariedade e sociabilidade do bairro de Itapuã. As histórias preenchem espaços que não separam necessariamente o trabalho e missão cultural de preservação da memória do lazer. Através do modo de vida, elas seguem informando e reformulando conhecimentos, sentimentos e tradições. Na vida de cada uma, dentro de cada forma de ser, são consolidadas questões como a autonomia e o pertencimento ao território do Abaeté e todos os elementos naturais e culturais envolvidos.

⁶ Em Salvador, o grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã se apresenta em locais como a Casa da Música (Itapuã), o Parque Metropolitano de Pituacu (Pituacu), o Forte da Capoeira (Santo Antônio). O grupo ainda faz apresentações no Carnaval de Salvador, no Pelourinho e no tradicional desfile do Fuzuê (Barra).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de observar as articulações comunicacionais entre as ganhadeiras de Itapuã, a partir da Lagoa do Abaeté, tornou possível seguir histórias de vida de mulheres que têm laços interativos que podem até parecer comuns, baseados em questões como a amizade, o assistencialismo, o modo de vida. No entanto, após as descobertas e ponderações feitas por entrevistas e estudos teóricos, esses laços mostraram-se bem mais desafiadores de serem compreendidos, pois guardam o objetivo de preservação e reelaboração de valores e práticas da tradição do ganho e da história de um lugar.

As ganhadeiras estudadas nesta pesquisa desenvolveram saberes e práticas de comunicação com a realidade dos trabalhos que foram ou são desenvolvidos, a exemplo da conversação com os clientes e entre as companheiras de ofício. Entre atividades como a vendagem, o transporte de água, a lavagem de roupa – realizadas próximas ou na beira da lagoa de água escura do bairro – as mulheres do ganho usavam elementos como a dança, o canto e outras expressões corporais. Ali, em cada detalhe de estratégias verbais e não-verbais feitas a partir do meio natural do Abaeté, elas mantinham a resistência contra toda forma de opressão. Hoje, ao chegar no mesmo lugar histórico, as mulheres continuam lá, com a força das suas vozes e a impecável capacidade de informar diferentes setores sociais da cidade.

O ato de abordar os modos de comunicação destas mulheres, enquanto estudante de jornalismo e morador de Itapuã, se transformou em uma aula singular. Uma aula de comunicação feita por moradoras que adquiriram – através da vivência do ganho e o compartilhamento de um lugar comum – a autonomia necessária para mostrar que o fenômeno das suas relações é complexo. “A resposta não é nada simples”, como disse Dona Mariinha.

Nos encontros para colher os relatos das ganhadeiras, realizados na casa de Dona Mariinha e na Casa da Música de Itapuã, o acolhimento feito de forma colaborativa, através da ajuda mútua com as informações e percalços inerentes da logística de organização da pesquisa de campo. Atrelado à observação da boa receptividade das mulheres para outros membros da comunidade e da cidade, ficou evidente como a eficiente comunicação entre elas contribui para as formas de relacionamento com o público de fora. Isso facilitou o trabalho de observação dos hábitos delas, em especial das características afetivas do coletivo, a exemplo das rodas de conversa e oração feitas nos ensaios e reuniões das quartas-feiras.

As conversas e entrevistas desenvolvidas na beira da Lagoa do Abaeté, com os sentidos aguçados pelo vento e cheiro da vegetação local, foi de relevante contribuição para as

lembranças e relatos das mulheres, especialmente quando se tem o objetivo de abordar estratégias de comunicação interpessoal que partem daquele lugar.

O ato de estudar e explorar características que fazem parte da interação das ganhadeiras é complexo, ainda que se adote todo o cuidado na abordagem das fontes de pesquisa de campo e escolha dos referenciais teóricos aplicados. Por isso, este trabalho não carregou em si a audácia de encontrar respostas exatas para tal fenômeno cultural. A afirmação é feita, inclusive, ao considerar os caminhos de pesquisa que ainda podem e devem ser desenvolvidos na área de comunicação.

A expressão corporal, o olhar forte e fixo de uma mulher do ganho, além dos cantos entoados com firmeza, guarda motivações implícitas nas particularidades de vida de cada ganhadeira. Estas motivações que envolvem a comunicação delas em “essência”, na observação racional do autor deste trabalho, não foram e nem poderiam ser exploradas em sua totalidade. Vale ressaltar que esta ponderação racional inclui aspectos práticos, a exemplo do tempo de cerca de seis meses para a realização e apuração da pesquisa de campo e seleção dos recortes teóricos adotados.

No entanto, cabe destacar também o esforço de ser um trabalho embrionário para a abertura de outras “portas” de estudo do autor – e quem sabe de outros colegas de área. É necessário acrescentar também o resultado da pesquisa para minha formação em comunicação social (jornalismo) e modo de vida, enquanto morador desse histórico bairro de Itapuã.

O meu olhar para a lagoa de água escura do bairro mudou. A partir deste mesmo lugar, percebo que as minhas articulações comunicacionais com as ganhadeiras foram fortalecidas, do momento do contato como um morador-estudante até a realização de encontros e entrevistas cuja a finalidade foi o desenvolvimento de pesquisa.

Entre as possibilidades que ficam abertas, ao olhar para as diferentes idades das mulheres que formam o grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã, foram observadas as interações que visam o processo de aprendizagem dos costumes e tradições que são alicerçados na Lagoa do Abaeté, algumas atreladas com a transferência de informações que contribuem para a educação das mais jovens.

Nesse sentido, a presente pesquisa contribui para a inicial elucidação dos elementos comunicacionais das ganhadeiras – a partir da Lagoa da Abaeté – sem fechar as possibilidades

de avanço sobre as futuras e importantes problematizações que possam surgir acerca deste fenômeno.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Nielson Rosa. *Nos seios da escravidão: um olhar sobre alforrias negociadas por mulheres escravas*. Freguesia de Santo Antônio da Jacutinga–Século XIX. Outros Tempos–Pesquisa em Foco-História, v. 7, n. 10, 2010.
- BRAGA, Malaika. *Família e identidade religiosa: Uma etnofilmografia das manifestações culturais e religiosas e seus desdobramentos na família de Dona Conceição*. Dissertação de mestrado. 2018.
- BORGES, Nilza Maria Pacheco. *As imagens como diálogo na pesquisa: O Canto das Lavadeiras e o Ritual de Bênção das Águas em Almenara-por entre memórias e renovo*. 2013. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/sacrilogens/files/2014/01/10-1-9.pdf>>. Acesso em: 31 de maio de 2019.
- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CASTELLUCCI, Wellington. *Pescadores e baleeiros: a atividade da pesca da baleia nas últimas décadas dos oitocentos Itaparica: 1860-1888*. Afro-Ásia, n. 33, 2005.
- CONCEIÇÃO, Thiago; GERICÓ, Vinicius. Roda de som, samba de bairro. *Revista Fraude*. Salvador, ano 12, n. 13, p. 6-9, 2015.
- DE MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.
- IPHAN, DOSSIÊ. 4: *Samba de Roda do Recôncavo Baiano*. Brasília: Editora, 2006.
- LEAHY, Renata Costa. *As Ganhadeiras de Itapuã: memória e identidade em performance*. Plural Pluriel, n. 17, 2017.
- MARTINO, Luiz C. *De qual comunicação estamos falando. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, p. 11-26, 2001.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?*. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.
- MESQUITA, Rosa Maria. *Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional*. Revista Paulista de Educação Física, v. 11, n. 2, p. 155-163, 1997.
- OLIVEIRA, J.R. Orlando. *Turismo, Cultura e Meio Ambiente: Estudo de caso da Lagoa do Abaeté em Salvador-Ba*. Dissertação de mestrado. 2009.

POLLACK, Michael. *Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTA BARBARA, Reginilde Rodrigues. *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana–Bahia (1929-1964)*. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador.

SOARES, Cecília Moreira. *Mulher negra na Bahia do século XIX*. Salvador: EDUNEB, 1994.

SORRENTINO, Harue Tanaka. *Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. 2013.

TEIXEIRA, S. S. *Patrimonialização, memória local, musealização e transformação social: os casos dos parques metropolitanos do Abaeté e de São Bartolomeu (Salvador, Bahia, Brasil)*. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra, Coimbra. 2014.

THOMPSON, Paul. *História oral: a voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 388, p. 254-278, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1971], 1979.

Entrevistas individuais

DONA MARIINHA. Entrevistada pelo autor. 28 mai. 2018, Itapuã, gravação em áudio (52 min 34 s) [arquivada em HD externo].

JACIARA. Entrevistada pelo autor. 22 mai. 2018, Itapuã, gravação em áudio (12 min 33 s) [arquivada em HD externo].

LUCINHA. Entrevistada pelo autor. 22 mai. 2018, Itapuã, gravação em áudio (22 min) [arquivada em HD externo].

MARIA DO XINDÓ. Entrevistada pelo autor. 28 mai. 2018, Itapuã, gravação em áudio (55 min 55 s) [arquivada em HD externo].

TEREZA. Entrevistada pelo autor. 22 de mai. 2018, Itapuã, gravação em áudio (10 min 13 s) [arquivada em HD externo].

VERÔNICA. Entrevistada pelo autor. 28 de mai. 2018, Itapuã, gravação em áudio (52 min 34 s) [arquivada em HD externo].

Músicas

SOUZA, Reginaldo. *As ganhadeiras de Itapuã. Lição de Vida*. Salvador: 2015.

CAYMMI, Dorival. *A Lenda do Abaeté*. Salvador: 1948.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Dona Mariinha

Dona Mariinha, de 84 anos, presenciou em sua casa a reunião que terminou com a fundação do grupo cultural As Ganhadeiras de Itapuã, em 2004. Desde então, participa de praticamente todas as apresentações, encontros e ensaios do grupo. A mãe de Dona Mariinha era ganhadeira que vendia beiju, pamonha, bolo. O pai, ganhador, faleceu quando ela tinha quatro anos. Entre os motivos de orgulho, a senhora de cabelos grisalhos e sorriso fácil conta que está a lavagem de roupa de ganho. Através dela, Dona Mariinha ajudou na formatura e no casamento da filha. Atualmente, ela tem uma neta e uma bisneta que começaram a participar do grupo aos sete anos de idade.

APÊNDICE B – Lucinha

Filha de mãe ganhadeira, vendedora de cocada, e pai ganhador, pescador e mestre de obras, Lucinha, de 65 anos, guarda os ensinamentos dos pais até hoje. “Meu pai sempre falava: Estudem para ser gente! Aí, me pegava pensando... O que é ser gente? Hoje sei, ser gente é andar com a cabeça erguida, procurar obter conhecimento e não dever nada a ninguém”, conta a ganhadeira. Ela é a filha de número 10 dos 15 filhos da mãe, Petrunila Regina das Virgens. E Lucinha acrescenta que a mãe teve 8 mulheres e 7 homens. “Foi a divisão mais certinha que observei na vida! [risos]”, conclui a ganhadeira. Entre os motivos de alegria no grupo cultural, ela fez questão de destacar o contato com a família, a sobrinha Verônica é a prova disso.

APÊNDICE C – Verônica

Terceira geração da família Virgens, a sobrinha de Lucinha, Verônica, mantém a tradição do ganho. A avó era ganhadeira, o pai vendia amendoim na praia, as tias vendiam pamonha. Aos 33 anos, ela afirma que faz de tudo um pouco. Comercializa óleo de coco, dança, faz apresentações musicais. Verônica representa uma geração de ganho mais nova, mas faz questão de destacar que gosta da histórica e cultural troca de saberes por meio da oralidade. “Ouvindo a gente aprende mais rápido”, diz.

APÊNDICE D – Maria do Xindó

Maria do Xindó, 72 anos, nasceu em portão, mas detesta que falem que ela não é “itapuanzeira”. O contato com a música de ganho chegou logo cedo, na infância. Enquanto a mãe batia no prato e o pai na panela, ela entoava cantigas de samba de roda. A partir da lavagem de roupa na beira da Lagoa do Abaeté, ela conseguiu formar as duas filhas, fato que deixa o peito cheio de orgulho e olhos apertados de emoção. E cantar desde criança funcionou, hoje ela tem uma das vozes mais potentes do coral do grupo As Ganhadeiras de Itapuã.

APÊNDICE E – Jaciara

A baiana de acarajé Jaciara, de 55 anos, fala com alegria da tia Maria, responsável por ensinar para ela a história do bairro de Itapuã. Enquanto caminhava por vários pontos culturais do bairro, a exemplo da praça Vinicius de Moraes, a adolescente Jaciara escutava com atenção os ensinamentos da tia. Outra Maria importante na sua vida é a mãe, Maria Paula. Jaciara conta que ela tem outra grande contribuição para o seu processo de educação e a formação dos seus princípios de vida. Entre esses princípios, está o amor e dedicação ao trabalho de ganho. Hoje ela vende acarajé na praia de Ondina.

APÊNDICE F – Tereza

Nascida e criada em Itapuã, Tereza, de 67 anos, tem como forma de ganho a venda de acarajé no bairro, próximo ao Abaeté. Quando fala que tem uma filha, ela também lembra com amor das netas trigêmeas, de 9 anos – Raissa, Ágata e Amanda. Nas rodas de samba e conversa com as companheiras de ganho, ela conta que encontrou uma terapia para a mente. “Esquecia de muitas coisas, mas escutar uma música e interagir com as amigas e colegas ganhadeiras ajuda no processo de lembrança. Isso faz muito bem para a saúde”, conta.